

# CÉSIO 137 EM GOIÂNIA

## CRIME DO ESTADO CONTRA OS DIREITOS HUMANOS

Rosângela Gaze

[Médica sanitária. Professora do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva/UFRJ]

Treze de setembro de 1987 - dia eterno para Goiânia/GO.

O Crime do Estado contra os Direitos Humanos - conhecido como o maior 'acidente' radioativo por Césio 137<sup>1</sup> do mundo - atingiu nossa gente há 35 anos. O mapa ([veja](#)) - amigo inseparável dos artesãos da Geografia, com quem aprendemos a sentir o viver das cidades e muito mais, mostra a rota e o modo de espalhamento da poeira radioativa nos Setores (Central, Aeroporto, Norte Ferroviário, Funcionários) e no dia-a-dia de Goiânia.

Investigar com base em entrevistas das pessoas que tiveram contato com o pó foi essencial ao controle dos efeitos radioativos. Esses dados subsidiaram a posterior medição de radioatividade, o isolamento e a quarentena de espaços e pessoas. O "brilho azul" apaixonou Devair. Dono do ferro velho que comprou um aparelho de radioterapia, encontrado em 13 de setembro de 1987 por catadores de lixo na sede desativada do Instituto Goiano de Radioterapia (IGR), presenteou (em 24/09) seu amigo Fabiano e seu irmão Ivo que presenteou sua filha, Leide das Neves, com o [pó mágico](#).

A sobrinha de Devair, menina, fascinada, espalha o [pó mágico](#) no corpo e, com as [mãozinhas brilhando](#), come um ovo. Fabiano divide o fragmento com um irmão e sua cunhada descarta o [pó mágico](#) no vaso sanitário.

Devair revende o aparelho a outro ferro-velho em 26/09.

Odesson, outro irmão de Devair, motorista de ônibus, à luz do dia, apenas passou a mão no pó. Não se encantou mas se tornou involuntariamente uma fonte radioativa ambulante. Durante 16 dias, o pó fino cor-de-palha que, no escuro tornava-se azul brilhante - "o brilho da morte" -, circulou por Goiânia em ônibus, bolsas, roupas, mãos, corpos, foi ingerido, aspirado, descartado em sanitário, frequentou escolas, bares, praças, "encantando"... Poderia ter '(des)encantado' mais pessoas se não fosse a intuição da esposa de Devair - Maria Gabriela - que associou o adoecimento das pessoas à exposição ao pó e resgatou a cápsula do ferro velho, levando-a de ônibus com um amigo à Vigilância Sanitária (Visa) em 28/09.

Mas só em 30/09, a origem das doenças que intrigavam a equipe do Hospital de Doenças Tropicais seria casualmente identificada por um físico (de férias em Goiânia). Usando um medidor verificou elevada radioatividade no prédio da Visa<sup>2</sup> que acionou Corpo de Bombeiros, Polícia Militar, Secretaria Estadual de Saúde e a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) que identificou em 03/10 o Césio 137 no pó radioativo.

Os pacientes foram transferidos ao Hospital da Marinha Marcílio Dias, com experiência no tratamento de danos radioativos, no Rio de Janeiro.

13-09-2022  
35 anos

**Leide das Neves Ferreira** (6 anos), cujos valores de césio ultrapassavam a escala do medidor, se tornaria a primeira exposta ao Césio 137 a morrer em 23/10/1987; no mesmo dia sua tia Maria Gabriela (35 anos) morreria; e os trabalhadores do ferro velho que desmontaram a cápsula - Israel Batista dos Santos (20 anos) e Admilson Alves de Souza (18 anos) - morreriam em 27 e 28 de outubro. Foram enterrados em caixões de chumbo. Além dessas quatro mortes diretas, dados oficiais identificaram de imediato 249 pessoas diretamente contaminadas, 129 destas tinham Césio 137 também em órgãos internos; 49 vítimas foram hospitalizadas, 20 delas em UTI. No decorrer dos dias, outras vítimas surgiram, elevando para 151 contaminados graves, totalizando 1.143 pessoas afetadas. O processo de descontaminação e tratamento das lesões - pele, queimaduras de variadas profundidades, e em diversos órgãos - duraria meses e levaria a complicações, mutilações, sequelas e agravos crônicos. Odesson, cuja família teve 40 vítimas e se tornaria presidente da Associação de Vítimas do Césio, relata ([veja](#)) como foi a quarentena, a depressão, e as mortes dos irmãos Devair (9 anos depois de câncer) e Ivo (16 anos depois de enfisema). Levantamentos de Sindicatos, Associações e do Ministério Público de Goiás apontam no mínimo 66 mortes e cerca de 1,4 mil vítimas ([veja](#)). O Estado de Goiás, a União e a CNEN foram condenadas a indenizar por danos morais e materiais os familiares das vítimas e os moradores desalojados. Três responsáveis pelo IGR<sup>3</sup> - médicos Carlos Bezerril, Criseide Dourado, Orlando Teixeira e o físico Flamarion Goulart - foram condenados em 1996 por homicídio culposo (3 anos e 2 meses de detenção em regime aberto; prestação de serviços comunitários; e, em 2000, indenizações às vítimas). O proprietário do prédio abandonado (médico Amaurillo Monteiro de Oliveira), condenado em 1997 a um ano e dois meses de detenção, conseguiria a suspensão da pena. Em 1998, um indulto presidencial de FHC extinguiu todas as penas. O Crime prescreveu em 2005. .... Como assim? .... Cada um dos envolvidos teve sua parcela de responsabilidade e ainda hoje há fatos não esclarecidos ([veja](#)). ... Antes, porém ... A Sociedade de São Vicente de Paula, proprietária do terreno cedido ao IGR - mediante realização gratuita de exames radiológicos dos pacientes da Santa Casa de Misericórdia -, alegando descumprimento do trato, iniciou ação de despejo em 1984 contra o IGR. Vendeu o terreno ao Instituto de Previdência e Assistência do Estado de Goiás que se torna proprietário em 1986, iniciando a demolição em 1987, quando uma liminar determina sua paralisação ([veja](#)). .... Pois é .... em 1987 .... por trás do brilho azul encantador estaria a asquerosa associação ganância-negligência do Estado? Quanto vale ter o chão de suas vidas concretado? Viver com o sentimento de abrigar um 'elemento' radioativo, estar contaminado, de ter contaminado amores, de vir a adoecer, morrer, de ser obrigado a abandonar suas casas, objetos de uso pessoal, lembranças de toda uma vida, ser desterritorializado por uma poeira perigosamente letal? Mais de 100 mil pessoas foram cadastradas e monitoradas pela Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) (foto na próxima página).

[continua](#)



[Técnico da CNEN](#) mede índice de radioatividade.  
Estádio Olímpico. Goiânia/GO, 02/10/1987.

As 19 gramas radioativas circularam também por Aparecida de Goiânia, Anápolis e Inhumas, resultando em 40 mil toneladas de rejeitos. Isolaram-se casas, comércios, ruas etc. Veículos, cédulas de dinheiro, utensílios domésticos, roupas, calçados, animais sacrificados etc. foram recolhidos como lixo nuclear ao Centro Regional de Ciências Nucleares do Centro-Oeste (**CRCN-CO**) da CNEN, sob protesto dos munícipes de Abadia de Goiás. As pessoas expostas ao contaminante radioativo eram discriminadas, escolas se recusavam a matricular crianças, adultos não conseguiam trabalho, turistas evitavam Goiânia e arredores, indústrias tiveram dificuldade em escoar sua produção pois o medo da contaminação também se espalhou no país e no mundo. Goiás se tornou um estado “perigoso”, discriminado, um rejeito nuclear. A negligência do Estado levou sua gente à morte social. Não há limites seguros para a exposição radioativa, gerações podem ser afetadas. Hoje, com a experiência da pandemia por agente infeccioso que colocou o mundo em isolamento e quarentena e sob as recentes ameaças de crime nuclear na guerra da Ucrânia imposta pela Rússia, cresce a indignação diante do menosprezo repugnante com que se lida com o **RISCO EVITÁVEL DE MORTE!**

Passados mais de trinta anos, com uma pensão (R\$960,00) desatualizada e sempre atrasada, os sobreviventes da exposição evitável ao Césio 137 continuam reivindicando a construção de um memorial que quebre o silenciamento deste Crime do Estado contra os Direitos Humanos.

### **RELEMBRAR SEMPRE É PRECISO!**

Sueli Lina de Moraes Silva - presidente da Associação dos Contaminados, Irrradiados e Expostos ao Césio 137 - continua mapeando as vítimas de câncer entre os moradores dos setores mais expostos, “gente que não entrou na lista oficial”. Gente trabalhadora do Consórcio Rodoviário Intermunicipal S.A. (Crisa), que executou a descontaminação e retirada dos rejeitos radioativos, também foi negligenciada pelo Estado, segundo a Articulação Antinuclear Brasileira. Chamá-los de heróis - título que recusaram na audiência pública - não tem efeito protetivo à exposição radioativa. Acreditando se tratar de acidente com gás, esses trabalhadores executaram a operação de chinelos de dedo, suas roupas eram lavadas ou reusadas em casa. Hoje sofrem por agravos crônicos e lutam na justiça pelo reconhecimento do nexa causal com a exposição e por assistência médica e jurídica. A quem interessa limitar direitos aos trabalhadores mediante regras baseadas em graus de exposição à radioatividade? Isto é razoável?

O que foi feito em outros estados para evitar  
a exposição à radioatividade pelo descarte impróprio  
de material radiológico?

Aguardaremos outro Crime,  
a ser eufemizado como acidente, como tem ocorrido nos

**CRIMES DO ESTADO CONTRA OS DIREITOS HUMANOS!?**

■ ■ ■

Notas: 1. O Césio 137 se espalha facilmente através do contato das mãos de um objeto a outro.  
2. No antigo prédio da Visa, hoje existem: Centro de Assistência aos Radioacidentados (Cara) e Centro de Excelência em Ensino, Pesquisa e Projetos Leide das Neves Ferreira (CEEPP-LNF). 3. Sobre as ruínas do IGR, ergueu-se um Centro de Cultura e Convenções.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.  
A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,  
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*